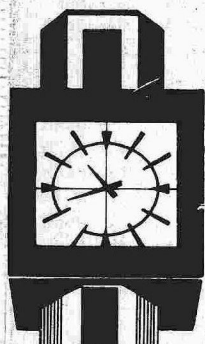


Futuro depende de ensino isento de paternalismos

Guálter Loiola

F. Gualberto



**Taguatinga
Ano 2000**

Se quiser chegar ao futuro com uma qualidade de vida à altura da "Nova Iorque do Cerrado", como profetizou o governador Joaquim Roriz, Taguatinga terá de praticar, a partir de agora, o realismo no ensino: nada de paternalismo, mas com escola pública paga, faculdade paga, universidade de alta qualificação e, o mais importante, com menos saturação em todos os segmentos de sua vida — ou seja, longe das pressões sociais da migração. Esta é a visão que a professora Virgínia Arvatti, 45 anos, tem de Taguatinga no ano 2000. Parte de uma experiência de 26 anos como educadora, diretora de escola e aplicadora do Método Global de alfabetização — aquele em que a criança ou o alfabetizando aprendem a palavra e não as sílabas. A professora Arvatti deixa transparecer certo desencanto pela sua categoria, hoje. E é essa a razão mais forte que a leva, no momento, a dedicar-se a uma indústria de confecções em Taguatinga. "O professor, hoje, preocupa-se pouco com a pedagogia, está mais preocupado em discutir isonomia e reivindicações salariais", desabafa. Nesta entrevista a Guálter Loiola, chefe da Supersul de Taguatinga, a professora parte de sua experiência profissional para erguer a Taguatinga de seus sonhos no ano 2000.



A qualidade do ensino atual desencantou a professora Virgínia

Educadora é a favor da total privatização

Jornal de Brasília — Como a senhora imagina Taguatinga, cidade e centro cultural, no começo do século?

Virgínia Arvatti — Capital de uma região econômica, com boas escolas, sem paternalismo — todo mundo pagando, nem que seja com trabalho, depois de formado — e cabeça de um complexo urbanístico ao qual estarão ligadas, como agora, Samambaia e Ceilândia e até algumas cidades do Entorno. Trabalhei em Ceilândia em 1971 e era uma Samambaia e, em parte, graças ao ensino, hoje apresenta famílias que progrediram, grandes empresas e mais de 100 escolas públicas de boa qualidade. Taguatinga, tem muito mais condições de evoluir, ter um grande comércio, muitas indústrias e ensino de boa qualidade.

A senhora, então, é a favor da privatização também no ensino?

— Sou a favor da privatização de tudo, exceto serviços básicos, como água, luz e telefone, que, pelo menos por enquanto, estão dando certo. Na escola, sou a favor de que todos paguem, uns menos, outros mais, para que todos tenham escola. O Governo tem de deixar de ser o nosso padrinho. Esse paternalismo é um dos fatores da migração para Brasília. Se conceder o terreno, tem de cobrar, nem que seja na proporção das condições de cada

um. Do outro lado, estão prefeitos do Nordeste botando gente nos caminhões e dando até dinheiro para vir embora para Brasília, como eu vi.

Na entrevista anterior desta série, o professor Aloísio Lima defendeu a implantação, aqui, de uma universidade de alta qualificação — ou de escolas de excelência — e de um Instituto de Altos Estudos, no qual seria convertida a Escola Técnica Federal, ainda em construção. Como a senhora vê essas idéias?

Não sonho tanto. Sou mais realista. Acho que, antes de tudo, temos de melhorar a escola básica. Investir na criança e no adolescente, esse, para mim, é o fator principal. Sou da primeira turma da Escola Normal. Comecei a lecionar muito nova. Mas a minha geração de professores tinha mais dedicação e mais engajamento na preparação dos jovens, na escola básica. Com a quebra desse espírito de sacerdócio, o ensino foi caindo, até chegar aos níveis de hoje. E Brasília tem a melhor escola pública do País, imaginem lá fora... Mas a nossa escola pública, como serviço público, não acompanhou sequer a eficiência de uma CEB (Companhia de Eletricidade de Brasília), de uma Caesb, de uma Telebrasil. Por exemplo: porque não privatizar a TCB, que não acompanhou esse nível de eficiência? Já deveria

ter sido privatizada há muito tempo.

Em que direção Taguatinga tem de evoluir para ser, no Ano 2000, uma cidade habitável?

Está acontecendo com Taguatinga o que ocorreu com São Paulo, capital, a partir dos anos sessenta. Sofreu o processo de erosão social da migração, que nos atinge agora. Muita gente vem para cá dividir conosco nossos serviços de saúde, nossas escolas e o nosso chão. Para preservar sua qualidade de vida, Taguatinga terá de defender-se do superpovoamento e crescer para o alto, como todas as grandes cidades — Nova Iorque, São Paulo, Rio de Janeiro. A Secretaria do Entorno é uma delas. Mas, fora de Taguatinga, ainda há muito espaço para a população de baixa renda: Brazlândia, por exemplo, tem imensas áreas vazias. Não devemos, no entanto, sofrer por antecipação. Se crescer verticalmente, Taguatinga não terá agravados seus problemas de infra-estrutura básica, porque os esgotos, as canalizações de água, as redes elétricas e de telefones precisarão apenas ser ampliadas.

Daqui a nove anos, seu filho estará saindo da faculdade. Como a senhora imagina, em Taguatinga, o mercado de empregos para a geração dele?

Não tenho preocupação com o mercado de emprego. Parto do princípio que, para o profissional

que fez um curso bem-feito, há sempre oportunidade de trabalho. Minha preocupação é que ele faça um curso bem-feito.

A educação comunitária tem futuro?

A experiência mostra que sim. Vi na Ceilândia gente aprendendo a fazer cursos de artes plásticas, que hoje tem o seu negócio, sua pequena empresa. Não essa educação comunitária que só ensina a pedir, mas aquela que ensina a dar as mãos e fazer as coisas solidariamente. A escola, na época, fornecia o professor e a tinta. O resto era com o profissional, sem paternalismo.

A geração de seus filhos tem futuro em Taguatinga?

Claro que tem. Tenho um de 14 anos, Rogério Henrique — que faz o primeiro ano do segundo grau, exatamente dentro de sua faixa etária — e uma filha, Maria Hilda, já formada em Jornalismo, atualmente estagiando no SBT, em São Paulo. Sobreviveram a esses tempos difíceis para o ensino. Que tristeza, por exemplo, essa greve da UnB, em que os professores se limitam a reivindicações salariais. A UnB, por isso mesmo, não é mais a mesma. Outro dia voltei lá e fiquei triste com o "papo" da nova geração de professores. Não vi ninguém discutindo melhoria dos métodos e processos de ensino. Minha geração era mais feliz.